



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS-INGLÊS**

JONATAS FREITAS LEMOS DA SILVA

**REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE CULTURAL E AQUISIÇÃO DE
SEGUNDA LÍNGUA: ESTUDO DE CASO
EM CONTEXTO DE IMERSÃO**

**Campina Grande - PB
Dezembro de 2015**

JONATAS FREITAS LEMOS DA SILVA

**REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE CULTURAL E AQUISIÇÃO DE
SEGUNDA LÍNGUA: ESTUDO DE CASO
EM CONTEXTO DE IMERSÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Letras, com habilitação em Língua Inglesa, sob a orientação da Prof^ª Ms Karyne Soares Duarte Silveira.

**Campina Grande - PB
Dezembro de 2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586r Silva, Jonatas Freitas Lemos da
Reflexões sobre identidade cultural e aquisição de segunda
língua [manuscrito] : estudo de caso em contexto de imersão /
Jonatas Freitas Lemos da Silva. - 2015.
46 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Profa. Ma. Karyne Soares Duarte Silveira,
Departamento de Letras e Artes".

1. Língua Estrangeira - Aprendizagem 2. Língua Portuguesa
- Idioma 3. Identidade Cultural 4. Imersão I. Título.

21. ed. CDD 408

JONATAS FREITAS LEMOS DA SILVA

**REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE CULTURAL E AQUISIÇÃO
DE SEGUNDA LÍNGUA: ESTUDO DE CASO
EM CONTEXTO DE IMERSÃO**

Aprovado em 03 / 12 / 2015.

BANCA EXAMINADORA:

Karyne Soares Duarte Silveira

Prof^a Ms Karyne Soares Duarte Silveira - UEPB
(Orientadora)

Marília Bezerra Cacho Brito

Prof^a Ms Marília Bezerra Cacho- UEPB
(1^a Examinadora)

Técio Oliveira Macedo

Prof Esp Técio Oliveira Macedo- UEPB
(2^a Examinador)

Média: 9,0

AGRADECIMENTOS

Sinto-me honrado por ter a oportunidade de expressar meus sinceros agradecimentos. Tenho ciência que apenas palavras não são totalmente capazes de exprimir a minha gratidão nesse momento, porém fica aqui o meu desejo factual de com elas tenham captado ao menos um terço do que sinto.

À **Universidade Estadual da Paraíba**, eu agradeço pela oportunidade de me inserir num universo acadêmico tão rico e por disponibilizar de professores altamente capacitados e prontos a servirem como verdadeiros educadores.

À professora **Karyne Soares Duarte Silveira** agradeço pela paciência, amor, fidelidade e zelo pela causa da educação que jamais testemunhei iguais adjetivos em outro profissional da educação. Sei que não está em meu poder apagar os méritos de muitos professores que com bastante vigor atuam na transformação de indivíduos que possam somar à sociedade, no entanto, posso afirmar com convicção que a professora **Karyne** cumpre muito bem seu papel, pois ela me ajudou não apenas a concluir minha graduação, mas também a amadurecer como educador, sendo assim, reconheço que isso é um tesouro inestimável.

A minha amada e adorada esposa, **Raíssa**, meus mais profundos agradecimentos. Impossível seria a conclusão desta fase sem a ajuda, atenção e força por ela demonstradas. Entendo que não poderia achar melhor companheira para minha jornada terrena, e sei que sou maior a cada dia por ser elevado pelo exemplo tão firmemente erigido pela sua magnitude pessoal.

Por fim, agradeço aos meus pais **Iracema e Ronaldo** que me incentivaram a buscar conhecimento acadêmico, aos professores **Técio e Marília** que tão prontamente aceitaram participar da avaliação desse trabalho, e a todos os outros que se importaram e me influenciaram positivamente, direta e indiretamente durante minha graduação. Após esse tempo aprendi mais sobre o valor que a educação tem e como todos nós deveríamos apoiar essa grande e nobre causa.

RESUMO

Para que uma comunicação eficaz possa ser estabelecida é necessário que os envolvidos conheçam não apenas o idioma a ser utilizado, mas quais palavras são apropriadas para fazer uso e em quais momentos e contextos. Isso ocorre porque a língua expressa muito mais que mensagens, ela é uma expressão da cultura na qual está inserida. Ao adquirirmos uma nova língua estamos incorporando elementos de uma outra cultura à nossa própria identidade e durante esse processo podem ocorrer identificações que favoreçam a aquisição de uma nova língua ou até mesmo resistências que a dificultem. Nesse contexto, cultura e identidade estão intrinsecamente relacionadas, pois a cultura exerce grande influência na construção das identidades e uma das formas de propagar essa influência é através da língua. Essa concepção de língua como atuante no construto identitário foi explanada por autores como, por exemplo, Tavares (2002), Camargo (2007) e Santos (2003). Neste sentido, este trabalho foi desenvolvido como um estudo de caso de natureza qualitativa que tem como objetivo geral investigar a influência da identificação ou resistência cultural na aquisição de português por falantes estrangeiros. Para isso, estabelecemos como objetivos específicos da nossa pesquisa: (i) descrever a motivação de um neozelandês e de uma norte-americana (colaboradores desta pesquisa) para adquirirem a língua portuguesa no Brasil; (ii) verificar a identificação/resistência cultural dos colaboradores da pesquisa com o Brasil; e (iii) identificar como nossos colaboradores se veem como falantes de língua portuguesa. Para alcançar tal objetivo foi realizada uma entrevista e aplicado um questionário com os dois estrangeiros sobre suas experiências com a aquisição da língua portuguesa no Brasil. Ao final desta pesquisa constatamos, principalmente, dois aspectos relevantes: o fato de estar imerso em um país pode não ser suficiente para o sucesso da aquisição linguística por parte de um indivíduo; e que a identificação com a cultura parece favorecer significativamente a aquisição da língua-alvo.

Palavras-chave: Aquisição de Segunda Língua. Identidade Cultural. Identificação ou Resistência.

ABSTRACT

In order to have an effective communication it is necessary that the ones involved know not only the language to be used, but which words are appropriate to use when and in which contexts. This occurs because language expresses much more than messages, it is an expression of culture from where it operates. When acquiring a new language we are incorporating elements of another culture to our own identity and during this process identifications might occur to favor the acquisition of a new language or even resistances that may hamper it. In this context, culture and identity are intrinsically related, because the culture has great influence in the construction of identities and one way of spreading this influence is through language. This conception of language as active in the identity construct was explained by authors such as, for example, Tavares (2002), Camargo (2007) and Santos (2003). Therefore, this work was developed as a qualitative case study which has as general objective to investigate the influence of identification or cultural resistance in the acquisition of Portuguese by foreign speakers. Thus, we have established as the specific objectives: (i) to describe the motivation of a New Zealander and a North American (collaborators of this research) to acquire the Portuguese language in Brazil; (ii) to verify the identification/cultural resistance of the survey collaborators with Brazil; and (iii) to identify how our collaborators see themselves as speakers of Portuguese. To achieve such goal we have used an interview and a questionnaire with both foreigners about their experiences with the acquisition of the Portuguese language in Brazil. At the end of this research we concluded, mainly, two relevant aspects: the fact of being immersed in a country may not be enough to ones' success in language acquisition; and identification with the culture seems to have a meaningful influence in the target language acquisition.

Keywords: Second Language Acquisition. Cultural Identity. Identification or Resistance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. SUPORTE TEÓRICO.....	9
1.1 APRENDIZAGEM DE LE EM CONTEXTOS DE IMERSÃO.....	9
1.2 PORTUGUÊS COMO LE.....	10
1.3 IDENTIDADE E CULTURA NA AQUISIÇÃO DE LE/SL: IDENTIFICAÇÕES E RESISTÊNCIAS.....	12
1.3.1 A identidade.....	12
1.3.2 A cultura.....	13
1.3.3 Influência da identidade e da cultura na aquisição de uma SL.....	14
2. METODOLOGIA.....	19
3. ANÁLISE DE DADOS.....	21
3.1 RESPOSTAS DE BRUCE.....	21
3.2 RESPOSTAS DE EMILY.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	32
APÊNDICES.....	34
ANEXOS.....	44

INTRODUÇÃO

Quando estudamos uma Língua Estrangeira (LE) e/ou Segunda Língua (SL) percebemos diferenças em relação à nossa Língua Materna (LM), não apenas aspectos gramaticais e/ou semânticos, mas também pragmáticos relacionados aos comportamentos e costumes que, muitas vezes, são diferentes dos nossos. Podemos observar, por exemplo, que em inglês existem duas expressões para desejar ‘boa noite’ a alguém: ‘*good evening*’ e ‘*good night*’, a primeira sendo usada para cumprimentar alguém no período do anoitecer e a segunda para se despedir de alguém à noite, diferenciação essa que não ocorre na Língua Portuguesa. Assim, para que o aprendiz estrangeiro possa usar expressões como essa de forma apropriada é necessário um conhecimento bem mais amplo da língua-alvo.

Dito de outra forma, para que uma pessoa possa compreender e ser compreendida no uso de uma língua é preciso que entenda não apenas as palavras equivalentes na LE, mas quando e como usá-las. Além disso, como esclarece Camargo (2007), devemos ter em mente que a língua é um dos sistemas de expressão de uma cultura e um instrumento vivo que está constantemente em desenvolvimento por sofrer influência do ambiente onde está inserida.

Desta forma, entendemos que ao adquirir uma nova língua os indivíduos também incorporam ideologias e a cultura que alicerça tal idioma e é a partir desse processo que torna-se possível uma interpretação mais plena da língua. Por esse motivo existe a crença de que a imersão do aprendiz no universo cultural da língua deve ser considerada indispensável na aquisição de um novo código linguístico.

Segundo Martins (2014), essa imersão serviria como uma experiência potencializadora e motivadora para seu aprendiz que, por sua vez, teria a possibilidade de viver intensamente e paralelamente seus conhecimentos sobre a língua e sua cultura, favorecendo seu processo de aquisição linguística e expandindo sua diversidade cultural.

Motivados por refletir de forma mais específica sobre essa temática, desenvolvemos este estudo de caso de natureza qualitativa com o objetivo geral de investigar a influência da identificação ou resistência cultural na aquisição de português por falantes estrangeiros em contextos de imersão no Brasil. Para isso, estabelecemos como nossos objetivos específicos: (i) descrever a motivação de um neozelandês e de uma norte-americana (colaboradores desta pesquisa) para adquirirem a língua portuguesa no Brasil; (ii) verificar a identificação/resistência cultural dos colaboradores da pesquisa com o Brasil; e (iii) identificar como nossos colaboradores se veem como falantes de língua portuguesa.

Essas reflexões serão apresentadas ao longo deste trabalho dividido em quatro seções, a saber: a primeira delas expõe o suporte teórico em torno da aquisição de Língua Estrangeira em contextos de imersão, a apresentação do Português como LE e seu contexto histórico, além da conceituação de identidade e cultura como construtores de identificações ou de resistências no processo de aquisição; a segunda seção trata da metodologia utilizada; a terceira refere-se à análise dos dados obtidos ao longo do nosso estudo; e a quarta seção é destinada às nossas reflexões finais sobre a pesquisa.

1. SUPORTE TEÓRICO

Nesta seção do nosso trabalho apresentamos, inicialmente, como se dá a aquisição de LE em contextos de imersão, logo depois discutimos sobre o papel da língua portuguesa atualmente e, por fim, abordamos uma explanação de como a identidade e a cultura podem servir como elementos de identificação ou de resistência na aquisição de uma SL.

1.1 AQUISIÇÃO DE LE EM CONTEXTOS DE IMERSÃO

Segundo Martins (2014), as atividades de ensino de uma língua ganham mais sentido para seus aprendizes quando são efetuadas em um contexto de imersão, pois esta experiência proporcionaria para eles um envolvimento não apenas com as competências das normas gramaticais, mas com o fazer, o ser e o viver dentro do contexto onde se utiliza determinada língua. Para a autora, o mais interessante não é apenas viver em um contexto de imersão, mas se envolver efetivamente com a sociedade onde se está imerso, já que se têm observado que sujeitos inseridos num círculo social restrito, onde não há muito uso da LE, não conseguem extrair os benefícios dessa imersão.

Outros autores também escrevem sobre a experiência da aquisição em contextos de imersão como Sampaio (2011), que acredita serem tais contextos como intensificadores da aquisição de uma nova língua, pois através deles o aprendiz possuiria mais possibilidades de desenvolver suas habilidades linguísticas. Para o autor, o fato de estar num país estrangeiro já funciona como uma motivação para que aquele que se insere em seu contexto sinta-se instigado a aprender o idioma ali falado.

No estudo de Leroy e Coura-Sobrinho (2011) é possível encontrar um relato de experiência da aquisição de uma LE em imersão cultural a partir da educação intercultural, da abordagem intercultural e da competência comunicativa intercultural. Conforme esclarecem os autores (*op. cit.*), essa proposta de ensino favorece a quebra de barreiras culturais, criando pontes que acabam por facilitar a troca de conhecimento sobre as diferenças lingüísticas e culturais existentes entre os aprendizes.

No que se refere à competência comunicativa, Brown (2000) discorre sobre a necessidade do professor de línguas ajudar seus alunos a compreenderem a cultura estrangeira na sala de aula. Como toda língua é ligada a uma cultura, ou culturas, o aprendiz precisa saber as normas que regem essa língua e cultura, para evitar julgamentos precoces revelando crenças sobre uma possível hegemonia linguística e/ou cultural de uma cultura em relação à

outra. Um exemplo disso é quando alguém julga errado até mesmo o tom de voz comumente usado em outro país com base nos critérios culturais referentes à sua própria língua. Assim, acreditamos que o indivíduo que sabe se comportar e fazer uso da língua com respeito (e não apenas com tolerância) em diversos contextos culturais, provavelmente consegue desenvolver uma competência intercultural.

Para Leroy e Coura-Sobrinho (2011), a interculturalidade funciona como sensibilizador do conhecimento, estimulador da aceitação de diferentes culturas e consequente contribuição para aquisição mais eficaz de uma LE. Tal competência intercultural pode ser alcançada também a partir da imersão dos sujeitos em uma realidade que possibilita muito mais do que o estudo isolado da língua, mas o conhecimento e interpretação das relações grupais, dos produtos e práticas de outras culturas, possibilitando a criação de uma consciência cultural crítica.

Tendo em vista o contexto no qual esta pesquisa foi desenvolvida, isto é, estrangeiros aprendendo português em situação de imersão no Brasil, entendemos ser necessário refletir, de forma mais específica, sobre o contexto histórico do processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa para estrangeiros ao longo dos anos, bem como as razões da expansão do Português Brasileiro como LE (PBLE) pelo mundo, conforme descrito na subseção a seguir.

1.2 PORTUGUÊS COMO LE

Atualmente a língua portuguesa está em sexto lugar entre as línguas maternas mais faladas do mundo, sendo ainda a língua oficial de comunicação em organizações internacionais como a UNESCO, MERCOSUL e a Aliança Latino-Americana de Comércio Livre (ALALC). A criação de tais organizações foi um importante marco para expansão do idioma rumo a outros países, como a criação do MERCOSUL, por exemplo, que fez com que a língua portuguesa passasse a ser mais comumente ensinada nos países que integram tal organização, estando presente em suas relações econômicas e culturais (CAMARGO, 2007).

Segundo Sampaio (2011), o primeiro movimento de ensino de português para estrangeiros se deu através dos esforços jesuíticos, todavia, o autor afirma que o PBLE se configura como um campo demasiadamente jovem nos estudos da Linguística Aplicada, iniciando seu desenvolvimento real apenas a partir da década de 60.

Ainda na década de 50 havia algumas atividades de ensino nessa área no país, inclusive através do pioneiro Gomes de Matos que lecionava Português para estrangeiros no Ceará. No entanto, nesta época não havia nenhum referencial científico ou pesquisas e

confeção de métodos e materiais didáticos, sendo utilizado o material intitulado *Spoken Brazilian Portuguese*, elaborado pelo autor ítalo-americano Vincenzo Cioffari, que aprendeu o português brasileiro em sua vinda ao país a serviço das forças armadas dos Estados Unidos. Conforme esclarece Sampaio (*op. cit.*), o material elaborado por Vincenzo não teve orientação de um linguista brasileiro o que o tornou frágil, apesar do seu esforço reconhecido de elaborar um material didático único naquele momento.

De fato, como mencionamos, a maior mudança no PBLE iniciou-se na década de 60 quando uma equipe de estudiosos americanos e brasileiros foi convocada pela *Modern Language Association of America* com o objetivo de elaborar o primeiro manuscrito para publicação intitulado *Modern Portuguese*. Foi também a partir desta época que surgiram estudos, publicações e cursos especializados no idioma brasileiro, especialmente nos Estados Unidos (SAMPAIO, 2011).

Segundo o autor (*op. cit.*), esse despertar apenas ocorreu no Brasil na década de 80, momento em que começaram a surgir os primeiros livros didáticos produzidos nacionalmente. A partir desse momento, várias universidades brasileiras começaram a fazer parte de um movimento de ensino da Língua Portuguesa no Brasil que se intensificou na década de 90 através do crescimento do número de estrangeiros no país e da procura de cursos especializados. Tais avanços contribuíram significativamente para evolução desta área no Brasil, que ainda hoje tem crescido enormemente.

Para Almeida (2004), um dos grandes avanços na área do ensino da Língua Portuguesa para estrangeiros foi a compreensão de que não se pode limitar o ensino à língua em si, por reconhecer que a língua carrega um universo cultural que a envolve chamado ‘cultura da língua’, na qual o aprendiz de cada idioma deve ser inserido. Essa imersão na cultura-alvo (mesmo que não presencial) deve ser considerada como um fator indispensável para a aquisição de um novo código linguístico, pois é através dela que a circulação de conhecimentos é intensificada.

O autor (*op. cit.*) cita, ainda, a interessante prática de referenciar a música, a gastronomia ou a arte da cultura portuguesa, por exemplo, que vai muito além de Portugal, mas passa pela África, a Europa, a América e a Ásia, quatro dos cinco continentes onde existem países ou territórios em que a Língua Portuguesa é língua oficial. Tal perspectiva tem como objetivo um crescimento cognitivo sensível à aquisição que contribua para um desenvolvimento empírico além, do lingüístico, das competências lexicais, gramaticais e sintáticas.

Quando uma LE é ensinada deve-se ter a consciência de que muito além de ampliar as habilidades comunicativas do aprendiz, o professor deve ter como objetivo o desenvolvimento psicossocial deste, pois essa é uma necessidade importante para a era da globalização, onde a abertura das fronteiras culturais possibilita o contato com o mundo de forma mais próxima e uma aquisição mais sólida (ALMEIDA, 2004).

Ao considerar o ensino de LE de forma ampla entramos em contato com duas esferas humanas: a cultura onde o indivíduo está inserido e a sua própria identidade. Essas duas esferas se relacionam e estão intrinsecamente ligadas à aquisição de uma LE, conforme veremos a seguir.

1.3 IDENTIDADE E CULTURA NA AQUISIÇÃO DE LE/SL: IDENTIFICAÇÕES E RESISTÊNCIAS

Nesta subseção do nosso trabalho apresentamos os conceitos de identidade e cultura e suas influências na formação identitária das pessoas. Em seguida, refletimos sobre as possíveis identificações ou resistências culturais no processo de aquisição de uma SL.

1.3.1 A identidade

Para Góes (2000), cada homem, quando participante do processo natural do desenvolvimento humano, sofre transformações físicas e psicológicas influenciadas por aquilo que acontece no mundo e na sociedade. Tais transformações, por sua vez, influenciam diretamente a formação identitária dos sujeitos.

A formação da identidade de cada indivíduo inicia-se a partir da percepção do ser humano de que o seu corpo está desprendido de outros corpos e objetos, dando espaço para o florescimento da personalidade corporal, que é um desdobramento para formação do próprio indivíduo. Com essa percepção nasce, uma identidade social baseada nas relações sociais que dependem diretamente do encontro com o outro. Logo, entendemos que é a partir das experiências sociais que o homem pode fazer a distinção entre o indivíduo e o grupo, pois “[...] a noção de indivíduo depende da noção de grupo humano, não há homem indivíduo se não há grupo de homens” (GÓES, 2000, p. 68).

A autora (*op.cit.*) nos informa, ainda, que, para Vygotsky, o fator social exerce grande influência na construção da psiquê do sujeito com destaque à importância da palavra, ou seja, é a interação verbalizada que media e molda as relações sociais.

Vygotsky, influenciado pelo discurso marxista e baseando-se na ideia de que o indivíduo interage com o ambiente histórico e social, propôs uma teoria revolucionária na qual apontava para a produção dos processos psicológicos superiores através da interiorização das práticas históricas e culturais, sendo essa interiorização fruto de uma mediação social e conduzida sob a base das operações com signos. Nesse sentido, a dimensão social torna-se um aspecto constitutivo do desenvolvimento humano, na qual por meio dela e da cultura indivíduos se constroem (CUBERO e LUQUE, 2004).

Quando nascemos, precisamos da mediação de indivíduos mais experientes para nos apropriarmos dos significados socialmente produzidos. Dessa forma, segundo Cubero e Luque (*op.cit.*), a interação entre sujeito e objeto passa pela interação com outras pessoas, por esse motivo, a escola deve pensar a construção do conhecimento como um processo conjunto, o qual se insere em determinado contexto social e cultural e é mediado pela linguagem e por outros sistemas simbólicos.

A seguir apresentamos o conceito de cultura e suas influências na formação identitária dos indivíduos.

1.3.2 A cultura

O conceito de cultura como utilizado nos dias de hoje foi definido inicialmente por Tyler e redefinido por diversos pensadores. Todavia, esses movimentos mais serviram para causar confusão do que para ampliar ou solidificar o conceito (LARAIA, 2009).

Por um longo período aceitou-se sem questionamentos um conceito de cultura única e universal que se resumia àquilo que a humanidade havia produzido de mais elitizado entre os conhecimentos artísticos, filosóficos, científicos ou literários. Conforme esclarece Veiga-Neto (2003), apenas nos anos 20 do século XX foi que o conceito moderno de cultura começou a ser reformulado a partir das críticas às definições iniciais pautadas nos campos da Antropologia, Linguística, Filosofia e Sociologia. A reformulação desse conceito mostrou que certamente é mais apropriado falarmos de culturas ao invés de cultura.

De acordo com Lemos (2007), pesquisadores como Arendt, Chartier e Certeau compreendem a pluralidade do termo cultura e propõem a realização de uma sociologia da cultura para conhecer os diversos modos de produção desta. Esses autores questionam também a separação entre a ideia de cultura letrada e cultura popular e consideram que não há uma cultura de elite homogênea, assim como não há uma cultura popular homogênea que seriam fruto de classes sociais diferentes, mas que os costumes, os comportamentos e os

modos de ser se entrecruzam criando um processo de circulação das diversas práticas culturais entre os diferentes grupos sociais.

Camargo (2007), por sua vez, define cultura como o contexto em que estamos imersos, onde pensamos, sentimos e interagimos tudo aquilo que constrói nossa identidade coletiva e guia comportamentos sociais. Podemos afirmar, então, que ao adquirir uma nova língua, o sujeito também está adquirindo a cultura que alicerça tal língua de forma que torna possível a interpretação plena da mesma. Sabemos que língua é um instrumento de interação humana na qual os valores e normas culturais estão relacionados, desta forma, ela é um dos sistemas de expressão de uma cultura, tradições e conhecimentos.

Diferenças culturais podem ser observadas na maneira que as pessoas interagem entre si em diversos contextos sociais. Podemos pensar em alguns exemplos como as diferenças de comportamento e de linguagem utilizados: no meio acadêmico e em ambiente doméstico com familiares; entre pessoas que moram em cidades grandes e aquelas que moram em cidades pequenas; entre aqueles que pertencem a uma classe social inferior e aqueles de classe alta, dentre outros. Sobre a diferenciação entre culturas, Sarmiento (2004, p. 5) afirma:

Cada cultura expõe seus próprios padrões de comportamento, que podem parecer muito estranhos quando vistos por pessoas de outras culturas. Entretanto, todas as comunidades fazem sentido em seu dia a dia, e, quando os seus hábitos nos parecem estranhos, é porque não estamos entendendo seus comportamentos. Uma cultura deve ser estudada em termos de seus próprios significados e valores, e não de uma maneira etnocêntrica, que é o julgamento de outras culturas a partir da nossa própria cultura.

Essa compreensão cultural, denominada de competência intercultural, inclui não só compreender, mas saber lidar de forma respeitosa com essa diferença. Ianuskiewtz (2012) complementa essa ideia afirmando que para que possamos compreender uma cultura estrangeira é necessário que haja uma compreensão da nossa própria cultura.

Neste sentido, Berwig (2004, p.59) discorre sobre os estereótipos culturais: “[o]lhando através de nossa própria cultura, nós descrevemos outras culturas de uma maneira muito simplificada”. Segundo a autora, um posicionamento generalizado sobre uma cultura ou comunidade é resultado muitas vezes de uma ideia formada a partir de um primeiro contato com um membro daquela cultura e comunidade. Assim, é necessário ampliar esse olhar, buscando compreender a nossa própria cultura a partir de outros ângulos, de outras culturas, conferindo às diferenças apenas o status de forma distinta de agir e não de algo errado ou sem valor.

Diante do exposto, refletimos, a seguir, sobre a influência da identidade e da cultura na aquisição de uma SL.

1.3.3 Influência da identidade e da cultura na aquisição de uma SL

Fundamentando-se na perspectiva de que o social interfere na composição de identidades e sabendo que a cultura faz parte dessa esfera social, podemos afirmar que os aspectos culturais estão arraigados nas identidades. Nesse contexto, a língua caracteriza-se como via pela qual as interações acontecem para a construção do “eu” e do “outro”, de forma que é ratificado o valor da cultura por ser impossível separá-la da língua (CAMARGO, 2007).

Santos (2003) esclarece ainda que os comportamentos pautados em uma cultura influenciam o uso dela, ou seja, não é a língua que determina o comportamento de seus falantes, mas o contrário. Podemos constatar tal afirmação ao observarmos quando um sujeito prefere utilizar uma forma linguística no lugar de outra ou quando escolhe um determinado pronome de tratamento em detrimento de outro.

Assim, entendemos que o ensino e a aquisição de um idioma estrangeiro jamais podem ser pensados separadamente dos fatores culturais e sociais dos falantes nativos desta língua, pois esses fatores fazem parte da cultura da língua e interferem diretamente em sua estrutura. Para Camargo (2007), estudos sobre a comunicação intercultural revelam que aspectos relevantes de uma cultura podem facilitar esse processo, pois somente a aquisição de estruturas linguísticas não garante o sucesso da compreensão.

Segundo Tavares (2002), durante a aquisição de uma nova língua o aprendiz passa por um processo muitas vezes desafiador, cheio de dificuldades que podem levá-lo a sentir satisfação ou frustração. Alguns aprendizes relatam experiências deleitosas e emocionantes mesmo em meio às dificuldades; para outros, o sentimento de não estar fixo em uma só língua ou numa só cultura lhes é sedutor, sendo possível achar no outro um novo “eu”, uma nova identidade. Este encontro com o novo “eu” está carregado de novas sensações, sentimentos de estranhamento, prazer, angústia e felicidade.

Nesse contexto, é sensato dizer que o desejo de aprender exerce uma influência positiva significativa no processo de aprendizagem/aquisição de uma nova língua, e que esse desejo é fruto de influências internas e externas que motivam o sujeito a compreender o novo idioma, fazendo-o ter atitudes que favoreçam esse processo como, por exemplo, a dedicação em estudá-lo e praticá-lo (BERWIG, 2004).

A motivação interna do aprendiz também é mencionada por Anjos (2007), quando afirma que esse é um elemento importante na aquisição da língua por funcionar como uma força que estimula o aprendiz a buscar mais conhecimento, fazendo dele um agente ativo nesse processo, tendo, assim, mais chances de alcançar sucesso na aprendizagem.

Quando a partir do encontro de uma nova língua ou cultura são adicionados à própria identidade traços dessa língua e/ou cultura, muitos logo se questionam a respeito de suas próprias raízes e origens, pois passam a se sentir parte do mundo por eles descoberto. Nesse meio, reforça Tavares (2002), a língua estrangeira se torna o principal fator responsável pelo “desenraizamento do sujeito”, conforme o contexto no qual ele se encontra, e a LM pode agir como língua de poder e de libertação, ou até mesmo de submissão e prisão. Esse processo pode ocorrer também pelo fato de que segundo Tavares, o homem muitas vezes vangloria algo mesmo se esse algo não tem méritos a serem vangloriados.

Greenson (1982) traz relatos de um estudo de caso que ele mesmo vivenciou como psicanalista durante seções de análise, onde atendeu uma paciente que o procurou por sofrer de uma disfunção do seu sono. Durante o primeiro ano de acompanhamento com o psicanalista, as seções ocorreram tranquilamente e aparentemente nada de anormal havia com a paciente. Tal mulher, antes de viver nos Estados Unidos, morava em Viena, cidade onde ela nasceu e viveu até os 18 anos de idade. Tendo esse conhecimento sobre o passado de sua paciente, Greenson fez uma modificação, aparentemente pequena nas seções, que passaram a ser realizadas em Alemão, a LM da paciente.

Assim, ao longo de três meses todas as sessões ocorreram em Alemão. O psicanalista relata que a mulher começou a relembrar de suas raízes e revivê-las, tendo inclusive alguns sonhos em sua LM. A direção e a essência das seções cambiaram drasticamente e foi possível, para Greenson investigar perturbações intrínsecas de sua paciente. O psicanalista constatou que um grande número das complicações que perturbavam aquela mulher tinha relação com sua identidade linguística.

Para a paciente, em inglês, um urinol era limpo, mas em alemão, um *Nachttopf* era sujo, fedido, e a paciente o via como nojento. A paciente tinha imensas dificuldades em falar de sua mãe como *Mutti* ou, pior ainda, dizer a palavra *Busen* (seios). Eu tinha que traduzir estas palavras, que, como palavras, eram inócuas para mim, para os meus equivalentes infantis, para compreender que, para a paciente, estas palavras, quando enunciadas, eram sentidas concretamente como coisas em sua boca (GREENSON, 1982, p. 368).

Anjos (2007) traz à tona uma reflexão sobre esse caso comentando que as diferenças, à primeira vista, pareciam apenas de caráter linguístico no entanto, logo foi possível ao psicanalista ver que os problemas estavam atrelados ao processo de identificação de sua paciente. Ela demonstrou que possuía um “eu” Austríaco e um “eu” Americano, duas identidades separadas que oferecem sentimentos e associações divergentes. Compreende-se que o inglês tornou-se um “porto seguro”. Por esse prisma, torna-se mais simples o entendimento de um dos motivos pelo qual a LE é vista por cada aprendiz de formas variadas, correspondendo a deleite e/ou desagrado.

Partindo das teorias Freudianas, Tavares (2002) afirma que as assimilações identitárias são como um “laço emocional” com algo que direciona a moldagem do “Ego”¹ a partir do que o sujeito nomeou como exemplar. A autora explica que Freud enxerga nas resistências uma das revelações do Ego em oposição aquilo que para tal é desagradável e que é transformado em conteúdo “recalcado”, mas que tenta fazer-se cômico e estimado pelo indivíduo através de seu retorno à consciência. Visto que, para Freud, o Ego se referia ao agrupamento de equiparações que o homem faz durante sua existência, as resistências formadas a partir desse desdobramento são peças fundamentais no processo identitário.

As resistências e insucessos podem aparecer explicitamente ou não. Tavares (*op.cit.*, p.112) afirma que “[o] insucesso, portanto, não está atrelado apenas ao que está aparente; pelo contrário, são várias as resistências camufladas ou não que mascaram a questão da eleição ou rejeição da(s) língua(s) em que o sujeito vai se constituir.” Entre os motivos associados a não identificação está a exigência da movimentação muscular e ativação do sistema fonador que não mais trabalham naturalmente, pois é requerida do aprendiz maior concentração e esforço para realizar sons e gestos não usados em sua LM, quebrando, assim, a fluência e desenrolar que o falante teria se estivesse se comunicando em sua língua nativa.

Diretrizes e valores culturais exercem influências diretas sobre a língua, portanto aprendizes que não conhecem bem essas regras sociais podem não sentir-se confiantes e podem querer evitar constrangimento. Um brasileiro pode se colocar em uma situação embaraçosa se porventura fizer uso de uma expressão em LE erroneamente, ou caso ao ser apresentado a uma mulher alemã beije-a no rosto, como é de costume no Brasil. Preferindo

¹Para Freud (1976), o ego é uma das instâncias que compõem o aparelho psíquico junto ao id e ao superego. Tais instâncias possuem funções específicas que interagem e se influenciam reciprocamente. Neste sistema, o ego desenvolve um papel de controle sobre as exigências da própria mente e do mundo exterior agindo como um mediador entre ambos. Sendo assim, é pressionado pelos desejos próprios e pela repressão das regras sociais agindo como um conciliador entre o princípio do prazer, que não conhece limites, e o princípio de realidade, que nos impõe limites.

não correr tais riscos o sujeito exposto a uma nova cultura e/ou língua decide, conscientemente, ou não, acrescentar ou descartar tais valores a sua identidade.

Assim, a diferença é grifada em referência à identidade por meio de esquemas de classificação que produzem sistemas figurativos através de exclusão. Em vista disso, tanto as identidades como as diferenças são fabricadas e não entregues prontas ou finalizadas. Contudo, a despeito desse aspecto, apostamos nas identidades, pois elas colaboram na obtenção de um entendimento a respeito do nosso eu, nossas subjetividades, temas que envolvem a psicologia do ser humano.

A seguir, descrevemos a metodologia utilizada na nossa pesquisa.

2 METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos nossa tipologia de pesquisa, algumas informações sobre os colaboradores de nosso estudo, bem como descrevemos os instrumentos e procedimentos utilizados para fins de coleta de dados.

Quanto à tipologia, entendemos que o presente trabalho é caracterizado como um estudo de caso de natureza qualitativa, que, segundo Cesar (2004), trata-se de um método qualitativo que investiga fenômenos contemporâneos que possibilitam ao investigador fazer uma descrição de forma holística de uma determinada realidade. Esse método pode ser realizado como o estudo de um único caso ou de vários casos que se entrelaçam em seus contextos sociais.

No que diz respeito aos colaboradores de nosso estudo, esclarecemos que foram dois estrangeiros, um neozelandês e uma norte-americana que se mudaram para o Brasil. A escolha desses dois estrangeiros se deu pelo fato de que ambos têm como língua materna o inglês e se mudaram para o Brasil, onde estão em contato com a Língua Portuguesa experienciando, cada um a sua maneira, a aquisição desse novo idioma. Além disso, ambos se mostraram interessados em contribuir com a nossa pesquisa, conforme assinaturas do Termo de Consentimento utilizado (anexo A).

Identificamos o primeiro colaborador com o pseudônimo de Bruce², um neozelandês de 26 anos que mudou-se para o Brasil há 4 anos, passando a residir na cidade de Campina Grande, Paraíba, porém já tendo visitado outras cidades no sul do país. Atualmente exerce a profissão de professor de língua inglesa em uma escola de idiomas na mesma cidade.

A segunda entrevistada é identificada com o pseudônimo de Emily, uma norte-americana de 19 anos que mudou-se para o Brasil há 3 meses (no momento da coleta de dados), passando a residir na cidade de Campina Grande, Paraíba e que atualmente é estudante do ensino médio nesta cidade.

Sobre os instrumentos de coleta de dados, fizemos uso de uma entrevista semiestruturada (apêndice A) e de um questionário (apêndice D). A entrevista semiestruturada continha seis (06) questões sobre a experiência dos entrevistados no Brasil com foco nos pontos positivos e negativos do contato com a cultura brasileira e com a língua portuguesa. O questionário, por sua vez, continha sete (07) questões abertas elaboradas e enviadas por email com o intuito de obter informações mais específicas por parte de Bruce

²A utilização de pseudônimos deve-se à nossa preocupação ética em preservar as identidades dos colaboradores de nossa pesquisa.

quanto à sua percepção de aquisição da língua portuguesa, como forma de propiciar um entendimento mais completo das respostas dadas durante a entrevista. Esclarecemos que não sentimos a necessidade de fazer uso do questionário com Emily, tendo em vista o fato de suas respostas à entrevista terem sido mais claras.

Para fins de análises, as duas entrevistas foram transcritas (apêndices B e C) com base nas normas para transcrição do Projeto de Estudo Coordenado da Norma Urbana Linguística Culta (Projeto NURC – anexo B) apresentadas por Dionísio (2003, p. 76).

Apresentamos, na seção seguinte, a nossa análise sobre os dados coletados.

3. ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção do trabalho apresentamos a análise dos dados coletados por meio da entrevista e do questionário aplicado com os nossos colaboradores à luz da teoria estudada, no intuito de alcançar os nossos objetivos específicos, a saber: (i) descrever a motivação dos colaboradores desta pesquisa para adquirirem a língua portuguesa no Brasil; (ii) verificar a identificação/resistência cultural de cada um deles com o Brasil; e (iii) identificar como se veem como falantes de língua portuguesa.

Em sintonia com os objetivos específicos pretendidos analisamos as respostas dos nossos colaboradores em três categorias: (a) motivação para morar no Brasil; (b) identificação ou resistência cultural; e (c) aquisição da língua portuguesa, que serão descritas e analisadas a seguir. Primeiramente analisamos as respostas de Bruce à entrevista e ao questionário e, em seguida, os dados obtidos com Emily por meio da entrevista.

3.1 RESPOSTAS DE BRUCE

Quanto à motivação para morar no Brasil, Bruce afirmou ter vindo em razão do risco que ele e sua esposa sofreram na Nova Zelândia devido a um terremoto. Como sua esposa é brasileira, este país foi a alternativa mais adequada.

01. Eu já morei [*sic.*] aqui no Brasil por 4 anos e eu cheguei aqui porque minha esposa estava grávida quando tem [*sic.*] um terremoto na Nova Zelândia, nós mudamos [*sic.*] aqui.
(resposta ao questionário)

Aqui é importante considerarmos o fato de que a escolha do casal de vir para o Brasil e de Bruce, mais especificamente, não foi espontânea, isto é, eles vieram para evitar o risco que corriam ficando na Nova Zelândia. Assim, acreditamos não ter havido uma motivação expressa de Bruce para aprender a língua portuguesa, mas uma questão de necessidade, que, por sua vez, pode interferir no sucesso no uso da língua-alvo.

Neste sentido, Anjos (2007, p.18) afirma que a motivação interna é imprescindível na aquisição da língua: “(...) a questão do sucesso ou insucesso é dimensionada na ordem de uma vontade consciente: não é o professor quem ensina, nem o método que funciona; é o aluno que aprende.” Sendo assim, podemos afirmar que esta motivação funciona como uma força que faz do aprendiz um agente ativo nesse processo, com mais chances de alcançar sucesso.

Acreditamos que, no caso de Bruce, não havia esta força impulsionadora presente na sua interação com a nova língua.

No que se refere à questão da identificação ou resistência cultural, Bruce apontou vários motivos que demonstram sua falta de identificação com a cultura brasileira, em especial a nordestina, como pode ser observado tanto em trechos do questionário, quanto da entrevista a seguir:

02. O [sic.] questão da cultura é difícil porque no nordeste é diferente do sul, pessoas aqui no nordeste são mais amizade [sic.] e carinhoso, mas somente para pessoas [sic.] eles sabem. No sul eles são mais frio [sic.] como na Nova Zelândia.

03. Não [sic.] identifica com nenhuma.(resposta ao ser perguntado sobre quais pontos da cultura ele se identifica)

04. De novo, no Nordeste eu não [sic.] identifica com nada, é mais como as pessoas no Sul, por exemplo, as pessoas na Nova Zelândia são mais conservativo, [sic.] e aqui no Nordeste não tem isso. Aqui no Nordeste as pessoas toca [sic.] muito, fala [sic.] bem alto, não respeita [sic.] as regras, essas coisas. (respostas ao questionário)

6. Bruce: Pra mim foi difícil porque eu não bebo, [sic.] essa é a maior parte do... da cultura aqui em Campina; esse também; e não assisto esportes e futebol aqui é muito grande e quando você fala “eu não assisti” pessoas “ÂN? PORQUE, PORQUE” [sic.]

8. Bruce: Ham, é porque as pessoas na Nova Zelândia são mais conservativo [sic.], e não tem nada disso aqui. Então foi difícil como isso.

16. Bruce: ham, essa coisa de contato ainda é difícil pra mim, porque é não [sic.] normal pra mim.

17. Bruce: Minha toda vida nunca como isso. Você vai no supermercado e você pode sentir [sic.] a pessoa... behind?.

19. P: Atrás...

20. Bruce: Atrás você, resperindo [sic.] na...

44. Bruce: Eu prefiro amigos que eu sei são de verdade, não como você vira e eles falam, tem muito dessa [sic.] aqui, então é difícil para saber quem é quem. Na Nova Zelândia se alguém não gosta de você, você sabe.

46. Bruce: Aqui você não sabe

(trechos da entrevista)

Na resposta 02 do questionário Bruce deixa clara a distância cultural que sente em relação ao povo e costumes existentes no Nordeste ao dizer que na Nova Zelândia as pessoas são frias e que aqui as pessoas só tratam bem as pessoas que eles “sabem” (conhecem).

Quando perguntado sobre com quais características da cultura local ele se identifica, Bruce afirma claramente não se identificar com nenhum aspecto cultural no Nordeste. Segundo o nosso colaborador, as pessoas nessa região do país não são conservadoras e que

não respeitam o espaço e regras sociais, ainda cita, como exemplo desse comportamento invasivo, o fato de ser possível sentir alguém respirar atrás de você na fila do supermercado por se posicionarem tão próximas umas das outras. Bruce esclarece que essa proximidade não existe em seu país de origem, uma vez que as pessoas são mais reservadas e respeitam mais o espaço umas das outras. O entrevistado também afirma que é difícil saber se as relações de amizade no Brasil são verdadeiras, pois “você vira e eles falam, tem muito dessa [*sic.*] aqui, então é difícil para saber quem é quem”. Nesse trecho ele afirma que é difícil saber quem realmente é seu amigo pelo fato das pessoas no Brasil falarem negativamente umas das outras quando não estão na presença no sujeito referido.

Para Sarmiento (2004), cada cultura possui seus próprios padrões de comportamento que podem causar estranhamento por pessoas de outras culturas, essas diferenças acontecem em diversos níveis da sociedade, mas entre os mais intensos está a diferença entre culturas de países distintos. Bruce parece carregar consigo o impacto entre sua própria cultura e a nova na qual está inserido.

Berwig (2004, p. 58) discorre sobre a prática de estabelecer estereótipos. A autora explana que o ser humano tem uma “necessidade psicológica de caracterizar e classificar”. É comum que cada pessoa, através de sua bagagem cultural, venha a criar uma ideia sobre determinada pessoa ou povo. Neste sentido, a autora esclarece ainda que um primeiro contato negativo com algum membro de uma comunidade pode levar o sujeito a ter uma concepção generalizada sobre aquela comunidade graças ao contato limitado. Acreditamos que isso pode ter acontecido com Bruce em algum momento de sua vivência aqui no Brasil. Ele pode ter internalizado o estereótipo de que brasileiros são mal educados, não respeitam as regras e espaços sociais e que não são honestos em suas amizades, desse modo ele naturalmente evita interações que possam causar transtornos.

Em se tratando da percepção de Bruce sobre seu processo de aquisição da língua portuguesa, observamos que ele não se vê de forma satisfatória.

05. Meu nível em português é não [*sic.*] muito bom, porque eu não estudo. Eu acho se eu estudo [*sic.*] eu vou aumentar isso.

06. Com língua Portuguesa as coisas mais difícil [*sic.*] são os verbos. Tem muito, é bem difícil.

(respostas ao questionário)

Quando questionado sobre como ele se avalia como falante de Português e quais estratégias ele utiliza para aprender a língua, Bruce diz não ser bom, porém não estuda para

melhorar. Verificamos que Bruce sabe que precisa da língua portuguesa no dia-a-dia, uma vez que não é em todo lugar que ele pode encontrar pessoas que falam inglês na cidade em que mora atualmente, mas ele acrescenta que prefere aceitar seus erros e não lutar contra ele mesmo.

30. Bruce: Hum, eu acho que mesmo da... das outras línguas, quando você aceita você vai fazer ah... erros, e fazer problemas, você aceita isso, [*sic.*] é mais fácil. Você não ah... Fight against yourself.
 32. Bruce: É. Você aceita essa é mais fácil e você, você ri.
 34. Bruce: Errado e pessoas riem
 (trechos da entrevista)

Pautando-nos em Berwig (2004) e Anjos (2007), podemos dizer que suas respostas demonstram a falta de desejo e esforço do entrevistado em aprender a nova língua, o que compromete seu processo de aquisição engessando, por consequência, seu conhecimento do idioma. A motivação do aprendiz funciona como um estímulo na busca por mais conhecimento, fazendo dele um agente ativo nesse processo.

Nos trechos a seguir Bruce comete um erro no uso do verbo ‘saber’ e o entrevistador o ajuda por duas vezes, informando a tradução mais adequada, no entanto o entrevistado não observa ou não se preocupa e continua usando da mesma forma. Anjos (2007) anuncia que aprender uma língua é revirar questões de identidade, contudo esse processo pode só reafirmar a força dos traços da identidade ligada à LM. Sendo assim, acreditamos que Bruce ao aprender melhor Português estaria se desligando de sua própria cultura. Isso pode justificar a despreocupação com seus erros na LE. Isso nos leva a entender que um apego maior à própria cultura pode resultar em um maior distanciamento em relação à cultura da língua-lavo.

48. Bruce: Como pessoas tratam outras pessoas que elas são sabem... [*sic.*]
 49. P: Que não ‘conhecem’!
 50. Bruce: Quando você ‘sabe’ [*sic.*] a pessoa...
 51. P: Conhece a pessoa!
 52. Bruce: muito bom, mas quando você não sabe [*sic.*] como dirigindo, você viu isso muito, ham... sem respeito.
 (trechos da entrevista)

Ao atentar para essa barreira criada por Bruce em relação aos aspectos culturais do Brasil, mais especificamente do Nordeste, acreditamos que isso pode explicar o fato de que mesmo imerso nessa cultura por quatro anos ele não saiba falar Português tão bem, como ele mesmo afirmou, por preferir uma restrição de relações sociais. Sobre essa questão, Tavares

(2002) declara que ao falar melhor uma LE o aprendiz se sente pertencente à cultura de onde se fala tal língua. Assim, entendemos que se Bruce não aprecia a cultura local, é natural que ele não queira pertencer a essa cultura, o que pode justificar, como consequência, uma maior dificuldade na aquisição da língua-alvo.

Acreditamos que o distanciamento entre cultura e língua atrapalha o processo de aquisição dessa última, pois como afirma Martins (2014), as atividades de ensino de uma língua ganham mais sentido para seus aprendizes quando são efetuadas em um contexto de imersão, pois esta experiência proporciona um envolvimento não apenas com as competências das normas gramaticais, mas com o fazer, o ser e o viver dentro do contexto onde se utiliza determinada língua, tornando possível uma interpretação mais completa da mesma.

Nesse sentido, a autora esclarece que pouco adianta viver em um contexto de imersão, se um indivíduo não se envolver efetivamente com a sociedade onde está imerso, já que se tem observado que sujeitos inseridos em círculos sociais restritos, onde não há muito uso da língua estrangeira, não conseguem extrair os benefícios dessa imersão, caso este que acreditamos estar ocorrendo com Bruce.

A seguir, analisamos as respostas apresentadas por Emily.

3.2 RESPOSTAS DE EMILY

A segunda colaboradora de nossa pesquisa foi Emily, que no período em que foi entrevistada, estava no Brasil há apenas três meses. Quanto à motivação para morar no Brasil, Emily esclarece que quis participar de um programa de intercâmbio de ensino médio, conforme descrito a seguir.

60. Emily: Ahn... acho que quando tinha 14 anos talvez eu queria ... viajar pra aprender a língua ... a segunda língua... então... falei com minha mãe e (a entrevistada faz uma pausa) decidi “I decided”? Decidi que depois do ensino médio, médico

61. P: Médico

62. Emily: Médico! (a entrevistada dá uma risada) Médico! Médico, ham ... eu queria fazer intercâmbio... então ... como se diz “I researched”?

63. P: Eu pesquisei

64. Emily: Eu pesquisei programas do intercâmbio e Rotary fui [*sic.*] o melhor, e eu queria, queria ir pra o Peru porque queria aprender Espanhol mas eu conhece os brasileiros e... I changed my mind.

(trechos da entrevista)

Nos trechos da entrevista Emily deixa claro que o desejo de vir ao Brasil partiu dela mesma, isto é, ela teve uma motivação intrínseca de participar do programa de intercâmbio no Brasil. Discorrendo sobre motivação intrínseca, Berwig (2004, p 57) diz que “Quando a experiência de fazer algo gera interesse e prazer e o motivo para realizar a atividade reside na atividade em si, então é possível que a motivação seja intrínseca”. Emily queria aprender outra língua, havia decidido aprender Espanhol, entretanto, ao conhecer brasileiros ela decidiu que queria vir morar no Brasil e aprender Português por motivação própria.

O autor (*op. cit.*) defende que o desejo em aprender exerce uma influência positiva significativa no processo de aprendizagem/aquisição de uma nova língua, esse desejo é fruto de influências internas e externas que motivam o sujeito a compreender o novo idioma, fazendo-o ter atitudes que favoreçam esse processo como, por exemplo, a dedicação em estudá-lo e praticá-lo.

Quando perguntada sobre quais aspectos culturais ela achava difícil se adaptar no Brasil, Emily falou que a única dificuldade era a dependência que ela tem da família anfitriã, pois nos Estados Unidos é comum que um jovem na idade dela tenha um carro e um trabalho.

34. Emily: Acho que ... I'm not very independent here, because ... por exemplo lá nos Estados Unidos eu tinha um carro e my license ... e um trabalho. Ham, eu tenho dinheiro que ... it's mine, Just mine. Então estava independent.

35. P: Eu era independente.

36. Emily: Eu era independente e aqui eu não sou, ... é difícil pra mim.

37. P: Sei, tem que pegar carona pra escola

38. Emily: Isso, isso exatamente

(trechos da entrevista)

Esses fragmentos da entrevista revelam mais do que apenas respostas às perguntas feitas, pois percebemos o interesse e disposição em aprender a língua portuguesa por parte da colaboradora do nosso estudo. Por ter pouco tempo no Brasil, durante a entrevista Emily mescla frases e palavras do inglês com o português, como ocorreu com a palavra “*Independent*”, por ser muito parecida com a mesma equivalente em português. A entrevistada usou o adjetivo em inglês, mas assim que o entrevistador a auxilia falando a palavra em Português, ela logo tratou de corrigir-se. O mesmo aconteceu nos trechos 60, 61, 62, 63 e 64, citados anteriormente.

Com base nos dados obtidos com Emily, acreditamos que possa haver por parte de nossa colaboradora uma certa idealização, ou super valorização da cultura local, fazendo com que a entrevistada não enxergue outros problemas. Sobre idealização e assimilações

identitárias, Tavares (2002) afirma que tratam-se de um processo no qual o sujeito cria um “laço emocional” e vangloria psicologicamente algo ou alguém, que não muda para melhor, apenas é visto por outra perspectiva pelo dado sujeito.

Durante a entrevista, Emily misturou as duas línguas ou os dois códigos. Sobre essa mistura de línguas que é chamada de *code-mixing*, Ayeomoni (2006) afirma que essa é a introdução de unidades linguísticas como, sufixos, palavras, ou frases que é feita em uma língua diferente da qual se está usando num determinado momento. É inferido que o falante e o interlocutor conhecem os códigos usados no discurso e que tal uso é feito em prol de uma comunicação efetiva.

Emily demonstrou também ter algum conhecimento prévio sobre o Brasil adquirido a partir da interação que teve com brasileiros na sua cidade nos EUA. Sobre esse conhecimento inicial, ela cita algumas características com as quais se identifica.

9. P: E antes de vir pro Brasil o que você sabia sobre o Brasil?
 10. Emily: Não muito (a entrevistada dá uma risada) eu sabia ... que as pessoas são muito ... como se diz “warm”, “welcoming”?
 11. P: ... acolhedoras.
 12. Emily: Aco, o que?
 13. P: Acolhedoras
 14. Emily: Acolhedoras
 20. Emily: E carnaval, não sabia ... tipo eu conhece [*sic.*] os intercambistas do, do Brasil?
 21. P: Sim
 22. Emily: Do Brasil lá nos Estados Unidos em Miniápoles , e então eu sabia sobre a cultura um pouco. Not like... not what you could read online.
 49. P: Okay, você se identifica com a cultura?
 50. Emily: Sim Sim Sim Ah ... the Hugs and the... Just general touching
 51. P: Abraços e o contato
 52. Emily: Isso abraços e ... e beijos e o contato porque lá nos Estados Unidos ... eu sou atriz e,
 53. P: AH!
 54. Emily: Sim e lá nos Estados Unidos a maioria dos meus amigos são atores também e ... no teatro todo mundo, todo mundo gosta de abraçar e de beijar e etc. Mas não é normal lá nos Estados Unidos.
 56. Emily: Então aqui todo mundo gosta também e adoro, adoro.
 (trechos da entrevista)

Emily diz se identificar com a proximidade física que os brasileiros têm ao se relacionarem, fazendo uso natural de abraços e beijos. A entrevistada ainda acrescenta que essa é uma prática comum entre pessoas que convivem com ela no seu ambiente de trabalho nos EUA (como atriz de teatro), mas que esse comportamento não é algo comum no seu país de origem. Sobre essa questão, Tavares (2002) diz que ao confrontado com o estrangeiro o sujeito tem a chance de se deparar com o estrangeiro que existe no interior dele mesmo.

Acreditamos que foi isso que pode ter acontecido com Emily. Ao ter contato com brasileiros ela viu traços culturais com os quais se identificava e esse fato pode ter gerado (ou aumentado) o seu interesse pela cultura do Brasil.

A autora (*op. cit.*) também discorre sobre a importância do laço emocional que o sujeito cria com o que ele idealiza e se permite ter seu ego modificado de acordo com o novo padrão estabelecido. Acreditamos que Emily permitiu que suas características fossem moldadas mesmo em meio a uma comunidade onde, como a própria Emily afirma, não tem como prática comum o tratamento interpessoal incluindo abraços e beijos.

Quanto à aquisição da língua portuguesa, Emily demonstrou estar ciente das dificuldades, porém completamente disposta a aprender, inclusive as expressões idiomáticas nordestinas, reconhecendo também possuir algumas facilidades nesse processo, como podemos observar nos trechos sublinhados de sua entrevista.

8. Emily: Hum... Acho que ... é difícil às vezes com certeza, mas meus pais aqui só falam português então eu tenho que aprender e na escola eu tenho amigos, e eles falam inglês, mas eu quero aprender então quando eles falam inglês comigo eu sempre, sempre, sempre disse [sic.] por favor, por favor fale português comigo e eles são muito simpáticos e eles tem paciência comigo sempre tipo ... quando eu não entendo eles me ajudam e ... eles estão tentando me ensi ... me ensinar ... ah gírias (a entrevistada dá uma risada) eles estão tentando ... tipo, ah as palavras do nordeste tipo “oxe” e “caramba”, etc (a entrevistada dá uma risada) mas acho que é mais fácil pra mim porque eu falo um pouco espanhol e acho que é mais fácil pra ... os intercambistas no Brasil em geral porque as pessoas aqui são muito, muito, muito simpáticos [sic.]
(trecho da entrevista)

Constatamos aqui que Emily reconhece a dificuldade na aquisição/aprendizagem da língua portuguesa (“*é difícil às vezes*”), porém ela não aponta nenhum grande problema com o aprendizado até então. É importante lembrar que ela só tinha três meses no Brasil na época da entrevista e mesmo com tão pouco tempo de estudo de uma LE tão diferente se sua LM ela já estava tendo muito sucesso com a língua. Outra consideração importante a ser feita é que a entrevistada está cursando o ensino médio no Brasil, o que permite que a mesma esteja em constante contato com o estudo formal da Língua Portuguesa.

Desta forma, entendemos que Emily tem vivenciando o processo de aquisição que, segundo Schütz (2006), seria a assimilação de conhecimento de forma mais natural, pautado em situações de convívio em sociedades falantes desse idioma por estar inserida em um contexto de imersão. E que além disso, ela também está vivenciando o processo de

aprendizagem, que está relacionado ao ensino tradicional da língua através da transmissão das estruturas e regras gramaticais a partir de um plano didático que envolve memorização de vocábulo e acúmulo de conhecimento, por estar matriculada em uma escola de ensino regular.

Em algumas frases grifadas no trecho contemplamos o desejo que ela tinha em aprender português, pois mesmo quando os seus amigos falam em inglês, ela os pede que falem em português. Esse desejo em aprender é citado por Berwig (2004) quando informa que essa vontade exerce uma influência positiva significativa na aquisição/aprendizagem de uma nova língua e que ao unir-se ao esforço e dedicação em estudá-lo e praticá-lo favorecem grandemente o seu processo.

Emily também declara que aprender a língua era fácil aqui devido ao fato de os brasileiros serem “*simpáticos*”, que na verdade esse adjetivo é intensificado pela palavra “muito” repetida três vezes por nossa colaboradora.

Podemos perceber que assim como exposto por Almeida (2004), a imersão na cultura, seja ela presencial ou não, deve ser considerada como um fator indispensável para a aquisição de um novo código linguístico, pois é através dela que a circulação de conhecimentos é intensificada.

Retomando as palavras de Martins (2014), reforçamos aqui a ideia de que o contexto de imersão cultural pode funcionar como uma mola propulsora para aumentar a motivação do aprendiz, ou reforçar a sua resistência cultural, como ocorreu respectivamente com Emily e Bruce, colaboradores desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme já mencionado neste trabalho, o objetivo geral desta pesquisa era investigar a influência da identificação ou resistência cultural na aquisição de português por falantes estrangeiros em contextos de imersão cultural. Para isso, buscamos atingir os seguintes objetivos específicos: (i) descrever a motivação de um neozelandês e de uma norte-americana (colaboradores desta pesquisa) para adquirirem a língua portuguesa no Brasil; (ii) verificar a identificação/resistência cultural dos colaboradores da pesquisa com o Brasil; e (iii) identificar como nossos colaboradores se veem como falantes de língua portuguesa.

Comparando os dados obtidos com os nossos dois colaboradores, verificamos que o tempo de vivência no Brasil e a experiência de imersão em si não se mostraram, neste estudo de caso, fatores primordiais para a aquisição do português. No caso de Bruce, o colaborador neozelandês, cuja motivação para vir morar no Brasil não foi interna, mas externa (e talvez até contrária à sua vontade), mesmo morando há quatro anos no Brasil demonstrou resistência a vários aspectos da cultura local. Por consequência, no nosso entendimento, tinha dificuldade em expressar-se na língua portuguesa (o que foi observado ao longo da entrevista) e, muitas vezes, não se importava se estava falando adequadamente ou não.

Emily, a nossa colaboradora norte-americana, por sua vez, apresentou uma motivação interna significativa para vir morar no Brasil, afirmando identificar-se com a cultura do país. Assim, apesar de estar há apenas três meses no Brasil (no momento da coleta de dados), já apresentava uma boa desenvoltura na língua portuguesa. Constatamos, ao longo da entrevista, que ela já podia se comunicar habilmente e assimilava facilmente o que aprendia.

Ao retomar esses objetivos é possível afirmar que eles foram alcançados, pois tendo em vista os aspectos levantados nesta pesquisa, constatamos que a cultura parece exercer influência direta na aquisição de uma língua. Acreditamos que ao ser apresentado há algo novo, acontece um processo natural no qual o sujeito seleciona o que se identifica ou não. No caso de uma nova língua, que traz consigo cargas culturais, o mesmo acontece e o sujeito faz essa seleção, assimilando ou rejeitando, o que lhe for conveniente.

Com base neste estudo, entendemos que a imersão cultural proporciona mais força ao processo de aquisição, porém essa força só existe se houver identificação com os aspectos culturais ligados à LE, já que a identificação com a cultura traz sentimentos prazerosos durante o processo de aquisição. Acreditamos que esses sentimentos de deleite facilitam a inserção social do aprendiz, visto que é mais fácil se relacionar com algo que lhe é de agrado, conforme nos pareceu acontecer com Emily.

Assim como a identificação auxilia na aquisição de LE, entendemos que as resistências à cultura e/ou à língua-alvo interferem no processo de aquisição, porque o aprendiz se priva de experiências sociais e não se engaja no aprendizado da língua, o que pareceu estar ocorrendo com Bruce na sua experiência de vida no Brasil.

Em virtude dos fatos mencionados, concluímos pela necessidade de professores de LE buscarem sempre incluir aspectos culturais da língua a ser estudada que venham a despertar o interesse de quem está aprendendo, para que dessa maneira a aprendizagem ou aquisição da língua aconteça com mais regozijo. Também observamos que a imersão na cultura não é o aspecto mais importante durante a aquisição de língua, porém pode exercer influência positiva desde que o estrangeiro se inscreva socialmente e que esteja aberto a adicionar características da cultura à sua própria identidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. S. P. M. de. Ensino de português língua estrangeira – P. L. E. – língua global. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. V. 2, n. 2, março de 2004.
- ANJOS, Degmar Francisco dos. “**Sinto que sou outra pessoa falando espanhol**” - o desejo na aprendizagem de língua espanhola. Universidade Federal de Mato Grosso. Instituto de Linguagens. Cuiabá, 2007.
- AYEOMONI, M.O. **Code-Switching and Code-Mixing: Style of Language Use in Childhood in Yoruba Speech Community**. Obafemi Awolowo University, Ile-Ife, Nigeria, 2006. Disponível em: www.njas.helsinki.fi/pdf-files/vol15num1/ayeomoni.pdf, acesso em: 26 de junho de 2015.
- BERWIG, Carla Anéte. **Estereótipos culturais no ensino/aprendizagem de português para estrangeiros**. Curso de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná. CURITIBA, 2004.
- BROWN, H. Douglas. **Principles of language learning and teaching**. 4th ed. New York: Longman, 2000.
- CAMARGO, D. S. **Aspectos do Ensino de Língua Portuguesa como Língua Estrangeira**. Centro de Comunicação e Letras – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo/SP, 2007.
- CESAR, Ana Maria Roux Valentini Coelho. **Método do Estudo de Caso (Case Studies) ou Método do Caso (Teaching Cases)? Uma análise dos dois métodos no Ensino e Pesquisa em Administração**. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2004. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCSA/remac/jul_dez_05/06.pdf. Acesso em: 02 de junho de 2015.
- CUBERO, R.; LUQUE, A. Desenvolvimento, educação e educação escolar: a teoria sociocultural do desenvolvimento e da aprendizagem. In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento Psicológico e Educação**. Artmed: São Paulo, 2004. P. 94-106.
- DIONÍSIO, A. P. Análise da conversação. In: BENTES, A.; MUSSALIN, F. (orgs.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. 3^a ed. vol. 2. São Paulo: Cortez, 2003. p.69-99.
- FREUD, S. O ego e o id. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Edição standard brasileira, 1976. (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).
- GOÉS, M. C. R. **A formação do indivíduo nas relações sociais: Contribuições teóricas de Lev Vygotsky e Pierre Janet**. Educação & Sociedade, ano XXI, nº 71, Julho/2000.
- GREENSON. Ralph R. **Investigações em Psicanálise**. Vol. 2 Rio de Janeiro: Imago Editora, 1982.

IANUSKIEWTZ, Andréia Dias. Aspectos (inter) culturais no Ensino-Aprendizagem de Língua Estrangeira - **Revista Iuminart**, Ano IV nº85, 2012. Disponível em: http://www.cefetsp.br/edu/sertaozinho/revista/volumes_anteriores/volume1numero8/Artigos%20Numero%208/07.pdf. Acesso em 17 de maio de 2015.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. 24ª edição. Editora Zahar: Rio de Janeiro, 2009.

LEMOS, Flávia Cristina Silveira. História, cultura e subjetividade: problematizações. **Revista do Departamento de Psicologia**. UFF, Niterói, v. 19, n. 1, p. 61-68, 2007. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232007000100005&lng=en&nrm=iso>. Access on May 18th, 2015.

LEROY, Henrique Rodrigues; COURA-SOBRINHO Jerônimo. Interculturalidade e ensino de português língua estrangeira. **Cadernos do CNLF**, Vol. XV, Nº 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. Disponível em: Acesso em 10 de Maio de 2015.

MARTINS, Maria Filomena Bernardo. **O Ensino não Formal na Aprendizagem de Português Língua Estrangeira em Contexto de Acolhimento** – Um Estudo de Caso. Universidade de Lisboa Faculdade de Letras. Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa - Língua Estrangeira, 2014. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/15883/1/ulfl174693_tm.pdf. Acesso em: 03 de maio de 2015.

SAMPAIO, H.G. **Português como língua estrangeira**: um estudo das relações entre experiências, crenças e motivações. Universidade Federal de Viçosa - Minas Gerais. Departamento de Letras. Viçosa: Minas Gerais, Junho de 2011.

SANTOS, J. C. D. **Tu ou você?**: uma questão de identidade cultural. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras Estudos da Linguagem da PUC - Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Fevereiro de 2003.

SARMENTO, Simone. Ensino de cultura na aula de língua estrangeira. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. V. 2, n. 2, 2004.

SCHÜTZ, Ricardo. Assimilação natural x ensino formal. **English Made in Brasil**. 2006. Disponível em: <http://www.sk.com.br/sk-laxll.html>. Acesso em: 15 de Junho de 2015.

TAVARES, Carla Nunes Vieira. **Do desejo à realização?** Caminhos e descaminhos na aprendizagem de língua estrangeira. Pós-graduação em Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, MG, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 23, p. 5-15, Aug. 2003. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 18 de Maio de 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Perguntas da Entrevista

- 1) Como tem sido a experiência de aprender Português no Brasil?
- 2) Quais as vantagens dessa imersão cultural?
- 3) Qual conhecimento prévio sobre a língua e a cultura você já tinha?
- 4) Quais as maiores dificuldades no aprendizado da língua e da cultura local?
- 5) Que estratégias de aprendizagem você tem utilizado?
- 6) Você se identifica com a cultura local? Caso sua resposta seja afirmativa, com quais aspectos culturais você se identifica?

APÊNDICE B - Transcrição da Entrevista com Bruce

Bruce = B

Pesquisador = P

Duração da entrevista: 11min:04seg.

1. P: Então, eu vou te fazer algumas perguntas sobre a experiência de estar no Brasil; sobre como é aprender português e tudo mais. São seis perguntas simples e o que você tiver dificuldade eu posso repetir ou alguma coisa parecida, ok? Se você tiver. A primeira é: Como tem sido a experiência de aprender português no Brasil? Está aqui enquanto você aprende português e estando dentro do país, como tem sido a experiência?
2. B: ham, pra mim foi muito difi... ham, procurar, ham, aulas para aprender português, porque ninguém quer ensinar estrangeiros, na Campina, mas ham ... pra me foi, morando aqui foi mais fácil, eu preciso falar para viver aqui em todo dia a dia.
3. P: Entendo
4. B: Pessoas falam e eu aprendi
5. P: Então estar no Brasil ajuda por que você é meio que forçado a falar né? Tem que falar e pronto. E você vê alguma vantagem de, por exemplo, a cultura no Brasil te ajuda a aprender, por exemplo, quando eu fui aprender inglês foi mais fácil pra mim porque eu amava jogar basquete, por exemplo. E enquanto eu tava jogando basquete com os americanos me ajuda porque aquela coisa era um esporte meio que deles, eles gostavam, eles jogavam e tinha essa conexão. Tem alguma conexão que te ajuda a aprender português?
6. B: Pra mim foi difícil porque eu não bebe, essa é a maior parte do... da cultura aqui em Campina; esse também; e não assisto esportes e futebol aqui é muito grande e quando você fala “eu não assisti” pessoas “ÃN? PORQUE, PORQUE”
7. P: Entendo
8. B: Ham, é porque as pessoas na Nova Zelândia são mais conservativo, e não tem nada disso aqui. Então foi difícil como isso.
9. P: Sei. E você acredita que essa pode ter sido a maior, ou tem alguma maior dificuldade com relação a aprender a língua e a cultura, essa adaptação cultural? Quais são algumas dificuldades que você tem?
10. B: hum, poqui as brasileiros são muito ham ... muito enigmático, muito, tem muito muito amizade, amizade? E quer ajuda você, aqui no no no nordeste por que eu sei é deferente no sul, ham ... foi não muito difícil e, mas eu sei se brasileiros vai prara, para Nova Zelândia tem muito mais difi...dificuldade poqui nós estamos frio, mas aqui (INCOMP)
11. P: Sei, as pessoas são mais hospitaleiras...
12. B: Sim, como menos no di, ham... se você precisa ajuda, nós ajuda e tenta, tenta demais, tenta demais, e aqui ham... tem um, tem felicidades com isso.
13. P: Entendo
14. B: E, sei não, vocês faz amigos mais fácil e amizades
15. P: Amizades mais fácil. É verdade. E tem alguma coisa que você achou difícil, por exemplo, ham... eu conheço pessoas que quando chegaram no Brasil acharam difícil se

- adaptar ao Brasil porque, por exemplo a gente é muito invasivo, toca muito, conversa desse jeito, é... toca muito tem muito contato, tem gente que fica assim, espantado. Teve alguma coisa dessas assim que você, que barrou...teve uma barreira, por exemplo, tem gente que não aceita o governo é, ou os altos impostos que o Brasil paga, então fica com aquela barreira. Teve alguma coisa que criou uma barreira pra você, de dificuldade?
16. B: ham, essa coisa de contato ainda é difícil pra mim, porque é não normal pra mim.
17. P: uhum
18. B: Minha toda vida nunca como isso. Você vai no supermercado e você pode sentir a pessoa... behind?.
19. P: Atrás...
20. B: Atrás você, resperindo, na...
21. P: Ah, entendo!
22. B: Muito, muito perto
23. P: Tá tão perto que pode sentir a pessoa respirar?! É verdade
24. B: E pessoas chegam na frente da filha.
25. P: uhum
26. B: Você quer falar com uma pessoa ele chega e ... Esse é difícil. Ham... se você quer mora aqui, viva como você mora, como viva nos outros países você não pode porque os juros e muito caro para tem eletrônicas, para tem jogos...
27. P: carros...
28. B: Carros... Se você quer mora aqui ou viver aqui, você precisa mudar como você vive.
29. P: uhum, verdade. E tem alguma estratégia que você usa pra aprender português? Tem alguma coisa em específico, por exemplo, eu sempre, é... tudo que eu ia fazer, anotações, essas coisas eu fazia em inglês pra ver se eu aprendia mais rápido. Tem alguma coisa que você usa assim pra aprender português?
30. B: Hum, eu acho que mesmo da... das outras línguas, quando você aceita você vai faz ah... erros, e fazer problemas, você aceita isso, é mais fácil. Você não ah... Fight against yourself.
31. P: Você não luta consigo mesmo...
32. B: É. Você aceita essa é mais fácil e você, você ri.
33. P: Uhum.
34. B: Errado e pessoas riem
35. P: É verdade. Normal, né? E tem alguma coisa que você se identifica, você acha que você gosta ou parece com a cultura local? Ou não?
36. B: Sim. Eu viajei para o Sul e foi mais... as pessoas foi mais frio. Foi mais como está na Nova Zelândia, Austrália, Estados Unidos. Mas aqui no Nordeste /.../ como explica? É a mesma coisa, ele ele, quando você fala, é diz que você são estrangeiro eles querem ajuda, mas você vai no sol e não, não tem isso...
37. P: hum, não tem esse benefício.
38. B: Não, é mesmo ta noutro país.
39. P: hum, entendo, legal. E então no caso você se identificou mais com esse aspecto no sul, no Nordeste é bem diferente mesmo da sua cultura e mesmo assim, por exemplo,

- ham tem gente que veio de uma..., eu entrevistei uma moça antes, americana e ela, a cultura dela é totalmente diferente, o jeito dela ela gostava do fato que os brasileiros são muito touchy, muito... tocam muito, ela é assim, ela abraça, mesmo sendo americana, então tinha esse aspecto da cultura local que fugia da cultura dela que ela gostava, entendeu? Tem algum aspecto desses da cultura, que foge da sua cultura, da sua cultura aqui que você acaba se encaixando ou não?
40. B: Hum... Ainda, neozelandês são mais conservativos, um pouco frio, nossas amizades...
41. P: Amizades!
42. B: Amizades são mais, mais perto, mas não muito, mas aqui é mais... mais perto
43. P: Entendo, e isso é você gosta ou você sente bem diferente?
44. B: Eu prefiro amigos que eu sei são de verdade, não como você vira e eles falam, tem muito dessa aqui, então é difícil para saber quem é quem. Na Nova Zelândia se alguém não gosta de você, você sabe.
45. P: Sei
46. B: Aqui você não sabe
47. P: As pessoas são mais transparentes. Entendo muito bom. OK, e tem alguma, algum aspecto no país que já lhe repudiou, que você disse “ah odeio isso aqui e pra mim fica até difícil de conviver com isso”? Entendeu?
48. B: Como pessoas tratam outras pessoas que elas são sabem...
49. P: Que não conhecem!
50. B: Quando você sabe a pessoa...
51. P: Conhece a pessoa!
52. B: muito bom, mas quando você não sabe, como dirigindo, você vi isso muito, ham... sem respeito.
53. P: Isso entendo. Ok! Muito obrigado

APÊNDICE C - Transcrição da Entrevista com Emily

Emily = E

Pesquisador = P

Duração da entrevista: 11min:39seg.

1. P: Então, quero saber como tem sido a sua experiência de aprender português estando no Brasil porque tem uma diferença, né? De você tá aprendendo português em outro lugar? Antes de vim para o Brasil você estudou alguma coisa de português?
2. E: Não, você quer que eu vou falar português ou inglês?
3. P: Sim
4. E: Ah ta!! Ah não, estudei só um pouco, um pouco sozinha na internet porque ... lá tipo, é difícil para entrar aulas de português entendeu?
5. P: Aham
6. E: Então eu falo um pouco espanhol, ajuda muito e não, mas estudei só um pouquinho sozinho.
7. P: Entendo, e estar no Brasil estudando português, como tem sido a experiência?
8. E: Hum... Acho que ... é difícil às vezes com certeza, mas meus pais aqui só falam português então eu tenho que aprender e na escola eu tenho amigos, e eles falam inglês, mas eu quero aprender então quando eles falam inglês comigo eu sempre, sempre, sempre disse por favor, por favor fale português comigo e eles são muito simpáticos e eles tem paciência comigo sempre tipo ... quando eu não entendo eles me ajudam e ... eles estão tentando me ensi ... me ensinar ... ah gírias (a entrevistada dá uma risada) eles estão tentando ... tipo, ah as palavras do nordeste tipo “oxe” e “caramba” etc (a entrevistada dá uma risada) mas acho que é mais fácil pra mim porque eu falo um pouco espanhol e acho que é mais fácil pra ... os intercambistas no Brasil em geral porque as pessoas aqui são muito, muito, muito, simpáticos.
9. P: E antes de vim pro Brasil o que você sabia sobre o Brasil?
10. E: Não muito (a entrevistada dá uma risada) eu sabia ... que as pessoas são muito ... como se diz “warm”, “welcoming”?
11. P: São, é, freak, well that is... ah it sounds good in English, but would be like a aconchegantes ou acolhedoras, acolhedoras.
12. E: Aco, o que?
13. P: Acolhedoras
14. E: Acolhedoras
15. P: Yes
16. E: Isso, (a entrevistada dá uma risada) e ... eu não sei ... não ... quase nada
17. P: Sei. Você sabe alguma coisa sobre... Por que muitos amigos meus sempre pensam que no Brasil só tem floresta e macaco e futebol.
18. E: Praias também
19. P: E carnaval
20. E: E carnaval, não sabia ... tipo eu conhece os intercambistas do, do Brasil?
21. P: Sim

22. E: Do Brasil lá nos Estados Unidos em Miniápoles , e então eu sabia sobre a cultura um pouco. Not like. Not what you could read online.
23. P: Sei. Não o que você pode ver na internet
24. E: Isso ... as coisas que você ... eu não sei pode ... pode apren, aprender with people, communication
25. P: É com as pessoas, com a vivência.
26. E: Isso
27. P: Legal, e qual tem sido... as maiores dificuldades no aprendizado da língua e na cultura? O que você acredita que fica difícil? Língua e o jeito brasileiro.
28. E: Não sei ... eu acho que ... tipo é di... com a língua, acho que é difícil quando ... eu quero falar uma coisa e eu não sei a palavra em português e ... como se diz? ... não, deixa pra lá (a entrevistada dá uma risada) Acho que é mais difícil quando todo mundo está falando muito rápido na minha sala, por exemplo, e ... eu, eu apren... aprendo uma coisa e eu quero responder mas todo mundo está falando muito rápido e ... a como se di... a conversa já passou.
29. P: Já passou, o assunto já se foi
30. E: Aham, entendeu?
31. P: Entendi, legal, e tem algum aspecto cultural que você acha difícil? Por exemplo, um amigo meu americano falou que não gosta do fato dos brasileiro tocarem muito.
32. E: Ah mais adoro, eu adoro ... não, acho que ... talvez ... ah tipo, eu não sei como explica em português ...
33. P: Eu posso te ajudar
34. E: Acho que ... I'm not very independet here, because ... por exemplo lá nos Estados Unidos eu tinha um carro e my license ... e um trabalho. Ham, eu tenho dinheiro que ... it's mine, Just mine. Então estava independet.
35. P: Eu era independente.
36. E: Eu era independente e aqui eu não sou, ... é difícil pra mim.
37. P: Sei, tem que pegar carona pra escola
38. E: Isso, isso exatamente
39. P: Entendo, é verdade é verdade, e você usa algum tipo de estratégia pra aprender a língua? Quais são?
40. E: Hurum, ham... tipo ... na ... nas salas eu sempre sempre sempre escuto e quando... quando escutei uma palavra que não sabia eu escrevo, e ... ham ... ou quando eu não entendo uma palavra eu sempre pergunto “Oh, o que é isso?” e meus colegas ... podem explicar pra mim.
41. P: Legal, tem um plano de estudo assim? Você normalmente fala “ah hoje eu quero aprender tantas palavras” ou você senta... porque tem gente que... por exemplo eu sento 10 minutos por dia e estudo. Tem alguma coisa assim?
42. E: Não (a entrevistada dá uma risada) Não (a entrevistada dá uma risada) mas eu quero tipo ...
43. P: You go with the flow
44. E: É exatamente
45. P: Vai aprendendo
46. E: Eu quero aprender, mas ... I don't have specific goals

47. P: Ta bem e você se identifica com algum aspecto da cultura no Brasil?
48. E: Hum ... eu não entendi
49. P: Okay, você se identifica com a cultura?
50. E: Sim Sim Sim Ah ... the Hugs and the... Just general touching
51. P: Abraços e o contato
52. E: Isso abraços e ... e beijos e o contato por que lá nos Estados Unidos ... eu sou atriz e,
53. P: AH!
54. E: Sim e lá nos Estados Unidos a maioria dos meus amigos são atores também e ... no teatro todo mundo, todo mundo gosta de abraçar e de beijar e etc. Mas não é normal lá nos Estados Unidos.
55. P: Entendo, é verdade.
56. E: Então aqui todo mundo gosta também e adoro, adoro.
57. P: Legal, teve alguma motivação pra que você participasse do programa de intercâmbio? Tipo por exemplo se fosse pra eu participar de um programa de intercâmbio quando eu era mais jovem e fosse ir pra aprender inglês eu ia querer ir pros Estados Unidos porque eu gosto de beisebol, basquete e seria interessante pra mim, mas no seu... e assim inglês é a língua mundial e tudo mais.
58. E: Uhum mas já falo inglês.
59. P: Mas no seu caso assim pensando ah eu vou pro Brasil aprender português e quais foram os ganhos que você achou que teria e o que lhe “motivated” o que te motivou a participar de um programa de intercambio?
60. E: Ahn... acho que quanto tinha 14 anos talvez eu queria... viajar pra aprender a língua ... a segunda língua... então... falei com minha mãe e (a entrevistada faz uma pausa) decidi “I decided”? Decidi que depois do ensino medico, medico
61. P: Médio
62. E: Médio! (a entrevistada dá uma risada) Médio! Médio, ham ... eu queria fazer intercâmbio... então ... como se diz “I researched”?
63. P: Eu pesquisei
64. E: Eu pesquisei programas do intercâmbio e Rotary fui o melhor, e eu queria, queria ir pra o Peru porque queria aprender Espanhol mas eu conhece os brasileiros e... I change my mind.
65. P: Ah você mudou de idéia?
66. E: Isso porque eles eram... hum, simpáticos, eu já disse
67. P: Sei tinha essa coisa esse calor que você indentificava.
68. E: Exatamente, exatamente e queria aprender espanhol, mas decide que a cultura é mais importante
69. P: Legal é verdade, verdade. Okay Thank you very, very much.
70. E: Ok, thank you for bearing with my Portuguese.
71. P: Nah!

APÊNDICE D - Questionário

01. Há quanto tempo você está morando no Brasil e qual foi a sua motivação para vir?
02. Quais as principais diferenças que você tem observado entre a sua cultura de origem e a cultura brasileira?
03. Com quais das características citadas acima você se identifica? Explique.
04. Com quais das características citadas acima você não se identifica? Explique.
05. Como você se avalia como falante da língua portuguesa?
06. Quais os maiores desafios que você enfrenta (ou enfrentou) na aquisição da língua portuguesa?
07. De que forma você acredita que a identificação cultural influencia na aquisição de uma língua estrangeira?

APÊNDICE E - Questionário e Respostas de Bruce

01. Há quanto tempo você está morando no Brasil e qual foi a sua motivação para vir?
02. Quais as principais diferenças que você tem observado entre a sua cultura de origem e a cultura brasileira?
03. Com quais das características citadas acima você se identifica? Explique.
04. Com quais das características citadas acima você não se identifica? Explique.
05. Como você se avalia como falante da língua portuguesa?
06. Quais os maiores desafios que você enfrenta (ou enfrentou) na aquisição da língua portuguesa?
07. De que forma você acredita que a identificação cultural influencia na aquisição de uma língua estrangeira?

Respostas

01. Eu já morei aqui no Brasil por 4 anos e eu cheguei aqui porque minha esposa estava grávida quando tem um terremoto na Nova Zelândia, nós mudamos aqui.
02. O questão da cultura é difícil porque no nordeste é diferente do sul, pessoas aqui no nordeste são mais amigáveis e carinhoso, mas somente para pessoas eles sabem. No sul eles são mais frio como na Nova Zelândia.
03. Não identifica com nenhuma.
04. De novo, no Nordeste eu não identifica com nada, é mais como as pessoas no Sul, por exemplo, as pessoas na Nova Zelândia são mais conservativo, e aqui no Nordeste não tem isso. Aqui no Nordeste as pessoas toca muito, fala bem alto, não respeita as regras, essas coisas.
05. Meu nível em português é não muito bom, porque eu não estudo. Eu acho se eu estuda eu vou aumentar isso.
06. Com língua Portuguesa as coisas mais difícil são os verbos. Tem muito, é bem difícil.
07. Pra mim a cultura aqui no Nordeste não ajuda com a língua porque eu não identifico com as coisas aqui.

ANEXOS

ANEXO A – Termo de Consentimento

A pesquisa intitulada "Reflexões sobre identidade cultural e aquisição de língua estrangeira: estudo de caso em contexto de imersão" tem por objetivo investigar a influência da identificação ou resistência cultural na aquisição de português por falantes estrangeiros. O estudo será desenvolvido através de participação em entrevistas semiestruturadas e questionários que serão analisadas pelo pesquisador.

Jonatas Freitas Lemos da Silva, aluno de graduação em Letras, Língua Inglesa da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), é responsável por esta pesquisa e assegura que os colaboradores entrevistados não serão identificados, bem como não serão identificadas pessoas e instituições eventualmente citadas nas entrevistas, mantendo-se o anonimato dos dados colhidos. É orientadora da presente pesquisa a Prof^a. Ms Karyne Soares Duarte Silveira

Sua participação neste estudo é voluntária, mas para que possamos atingir o objetivo proposto, solicitamos a sua colaboração na nossa pesquisa.

Informamos que todas as informações serão tratadas de modo confidencial e anônimo e poderão ser divulgadas com fins científicos, mantendo-se o cuidado de garantir o anonimato e a confidencialidade dos participantes.

Enfatizamos que você tem liberdade para desistir de participar deste estudo em qualquer momento do preenchimento do questionário, sem que isto implique algum prejuízo ou desconforto pessoal. Ao assinar este documento você estará dando seu Consentimento Livre e Esclarecido para participar do estudo.

*Eu, _____,
convidado(a), abaixo assinado, declaro que recebi informações de forma clara e detalhada a respeito dos objetivos e da forma como participarei desta investigação. A minha assinatura neste Termo de Consentimento autoriza o pesquisador a utilizar e divulgar os dados obtidos, sempre preservando a minha privacidade, bem como a de pessoas ou instituições eventualmente por mim citadas.*

Campina Grande, ____ de _____ de 2015.

Assinatura do(a) colaborador(a)

Assinatura do pesquisador

ANEXO B - Normas para Transcrição do Projeto de Estudo Coordenado da Norma Urbana Linguística Culta (Projeto NURC)

76

INTRODUÇÃO À LINGÜÍSTICA

QUADRO 3.1. NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
1. Indicação dos falantes	os falantes devem ser indicados em linha, com letras ou alguma sigla convencional	H28 M33 Doc. Inf.
2. Pausas	...	não... isso é besteira...
3. Ênfase	MAIÚSCULAS	ela comprou um OSSO
4. Alongamento de vogal	: (pequeno) :: (médio) ::: (grande)	eu não tô querendo é dizer que... é: o eu fico até:: o: tempo todo
5. Silabação	-	do-minadora
6. Interrogação	?	ela é contra a mulher machista... sabia?
7. Segmentos incompreensíveis ou ininteligíveis	() (ininteligível)	bora gente... tenho aula... () daqui
8. Truncamento de palavras ou desvio sintático	/	eu... pre/ pretendo comprar
9. Comentário do transcritor	(())	M.H.... é ((rindo))
10. Citações	“ ”	“mai Jandira eu vô dizê a Anja agora que ela vai apanhá a profissão de madrinha agora mermo”
11. Superposição de vozes	[H28. é... existe... [você () do homem... M33. [pera af... você acha... pera af... pera af
12. Simultaneidade de vozes	[[M33. [[mas eu garanto que muita coisa H28. [[eu acho eu acho é a autoridade
13. Ortografia		tô, tá, vô, ahã, mhm